

PARQUE

E

CENTRO

SÃO PAULO

MARÇO

1971



P A R Q U E & C E N T R O

BOLETIM MENSAL DO DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO E RECREIO
PUBLICAÇÃO DO CONSELHO DE COORDENAÇÃO E PLANEJAMENTO

A N O III M A R Ç O 1971

Í N D I C E

Mensagem de confiança e agradecimento	1
Não obrigue seu filho a realizar o sonho que vo- cê não soube ou não pôde viver	2
Aniversariantes de abril	4
Canção do coelhinho	5
Viva a América	6
Luta pelo teu Brasil	7
Neurose em crianças	8
Teorias de aprendizagem	12
Literatura Infantil	17
Palavras de D ^a . Silvia C. da Silva (P.I. 18) quan- do da reabertura da Unidade	24



MENSAGEM DE CONFIANÇA E AGRADECIMENTO...

Na utilização dos recursos disponíveis para atender às necessidades complexas da sociedade atual, estive na Unidade Administrativa de nossa Secretaria, figura consciente de seus poderes e de suas responsabilidades.

Ajuizando a capacidade dêsse homem, no cumprimento de suas funções, no estabelecimento das prioridades, facilmente poderemos exemplificá-lo, tendo em vista o espírito que o anima, ou seja, um entusiasmo imenso na capacidade criativa do jovem, do adulto, dos constantes reformuladores dos veículos da Educação.

Dr. Paulo Zingg, D^a. Hortencia Cunha e toda a equipe de trabalho.

Um novo sentido brotou em nós, brotou em todos quantos participaram de uma administração que se fez respeitar.

E o que se vê aos poucos ressurgindo, é uma confiança enorme, em todos que usam soluções corajosas, que ampliam a ação dos veículos de massa; a todos que com o tempo, procuram atingir a uma condição mais consciente e com muito mais amor!

Extremamente gratos.

Somos nós, educadores e toda equipe de trabalho do Departamento de Educação.

*/ */ */ */ */



NÃO OBRIGUE SEU FILHO A REALIZAR O SONHO QUE VOCÊ
NÃO SOUBE OU NÃO PÔDE VIVER

A história é sempre a mesma: o pai (ou a mãe) antes de casar quis ser isto ou aquilo na vida social ou profissional, mas não conseguiu. Agora quer que o filho faça o que ele deixou de fazer. É quase sempre pessoa que colocou o ideal acima de suas próprias possibilidades pessoais, ou então que viu seu caminho interrompido por questões várias: doença, pobreza, precoce responsabilidade familiar, etc. Mais tarde, apesar de ter conquistado um lugar definido na sociedade e formado sua família, vê os filhos apenas como prolongamento de si mesmo e começa a luta: transfere a eles suas ambições pessoais, seus desejos insatisfeitos.

A verdade é que nunca é fácil renunciar a certos sonhos irrealizados da adolescência ou começo da idade adulta; tanto assim que não são poucas as pessoas que seguem, pela vida a fora, anarradas a velhos anseios. Muitas chegam a manifestar, não raro, certo sentimento de inferioridade ou de despeito em face de outros que realizaram o que elas, por uma razão ou outra, deixaram de fazer.

O problema é que um pai (ou mãe), nestas condições, nem sempre consegue se libertar para dar ao filho a assistência que ele tem o direito de receber. Ao invés de assumir uma atitude adulta, tentando enfrentar objetivamente a realidade, isto é, compreendendo e aceitando seu drama íntimo e procurando superar sua própria frustração por meio de atividades substitutivas, ocupações que, de algum modo, o gratifiquem emocionalmente, ou o tão falado e aconselhado "hobby" do americano, — o pai fica ressentido, como criança infeliz que não ganhou o brinquedo desejado. É que, intimamente inconsolável, esse adulto espera a primeira oportunidade para viver — através de outra pessoa (quase sempre o filho porque mais próximo e facilmente manejável) — o guardado



sonho da mocidade. Surge, então, o cerco, a pressão (violenta ou afetuosa) para que o filho siga este ou aquele caminho, em artes, letras, ciências, etc.

Quem não conhece casos assim na vida diária?

Há pais tão inconscientes de seu próprio drama que são cruéis com seus filhos, sem tomar conhecimento disso. Pode alguém dizer que isso é uma questão de pouca inteligência, instrução, largueza de visão. Infelizmente não. A experiência tem mostrado que a elevação do nível mental ou cultural nada tem a ver com a coisa. É o tipo do mal que ataca analfabetos e eruditos, porque não depende da lucidez intelectual, mas sim da força das emoções recalçadas, do poder dos sentimentos vivos, apesar de muitas vezes inconfessados.

Outro dia um pai comentava: "Sempre desejei ser médico, mas minha família era muito pobre e precisei ajudar em casa. Hoje a situação é outra. Agora meu filho vai estudar medicina". Quando se argumentou em contrário, lembrando que toda a manifestação vocacional do filho era para o mundo das artes, ele retrucou: "O rapaz é muito jovem, não sabe ainda o que quer nem o que lhe convém. Medicina ainda é uma das melhores profissões".

Nem de longe passa pela cabeça desse pai — aliás correto e generoso — que está sacrificando seu filho a insatisfeitos desejos seus. Isso sem falar na distância afetiva que, sem saber, ele está criando entre os dois...

Se esse jovem chegar a concluir o curso determinado pelo pai, onde encontrará motivações, reservas de entusiasmo e coragem para se dedicar a uma vida que ele não desejou? Já se pode, agora, fazer esta pergunta: ao chegar à idade adulta, casar e ter filhos, que profissão ou gênero de vida o jovem de agora vai impingir ao seu filho para poder viver, através dele, os sufocados desejos de seu próprio coração? A "herança" vai assim se transmitindo de geração a geração.



No entanto, se há direito inerente ao ser humano, paralelo ao de viver, é o direito que ele tem de ser ele próprio.

Pode se dizer que, afinal de contas, quem está com a razão é Kahlil Gibran, em "O Profeta" (tradução de Manuel Bandeira), quando ele diz:

".....

Vossos filhos não são vossos filhos:

São os filhos e filhas da saudade que a vida sente de si mesma.

Vêm por meio de vós, mas não vos pertencem.

Podeis dar-lhes o vosso amor, não o vosso pensamento, Pois eles têm o seu próprio pensar.

Podeis dar agasalho aos seus corpos, não porém às suas almas,

Porque suas almas se vão acolher num amanhã

que não podeis visitar nem mesmo em sonhos.

Podeis desejar ser como eles, mas não tentar fazê-los parecidos convosco.

Porque a Vida não retrocede nem se detém no dia de ontem".

/ Generice S. Vieira

--O-- --O--

--O--

ANIVERSARIANTES DE ABRIL

Dia 2 - Margarida L. Leite - Dirigente - P.I. 105

Dia 13 - Yolanda Barros Pontes - Dirigente - P.I. 85

Dia 21 - Dalva Ribeiro Sá - Dirigente - P.I. 41

Dia 28 - Vitalina Mendes Herdade - Dirigente - P.I. 38

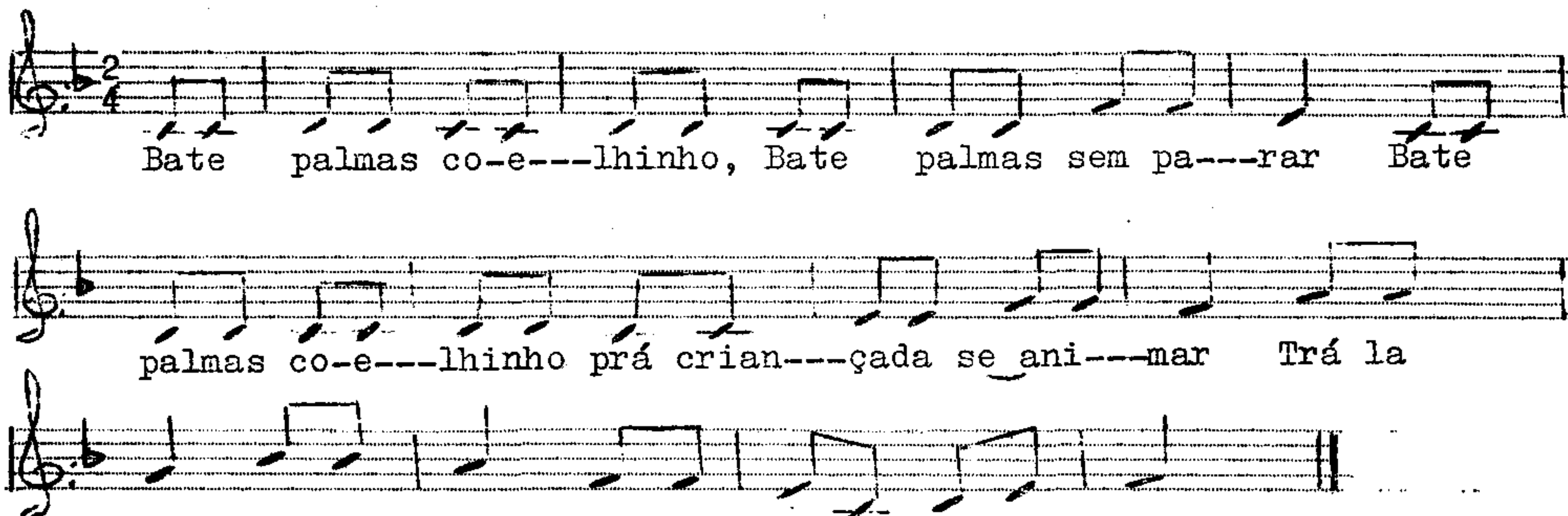
--O-- --O--

--O--

Colaboração do SETOR MUSICAL para as datas comemorativas do mês de abril

CANÇÃO DO COELHINHO

Adaptação em melodia pop. francesa



la, trá la lá, tra la la la la la

2. Anda anda coelho
Anda anda sem parar
Anda anda coelho
Pra criança animar.
Tra la etc.

3. Pula, pula, etc.

4. Corre, corre, etc.

5. Bate palmas, etc.

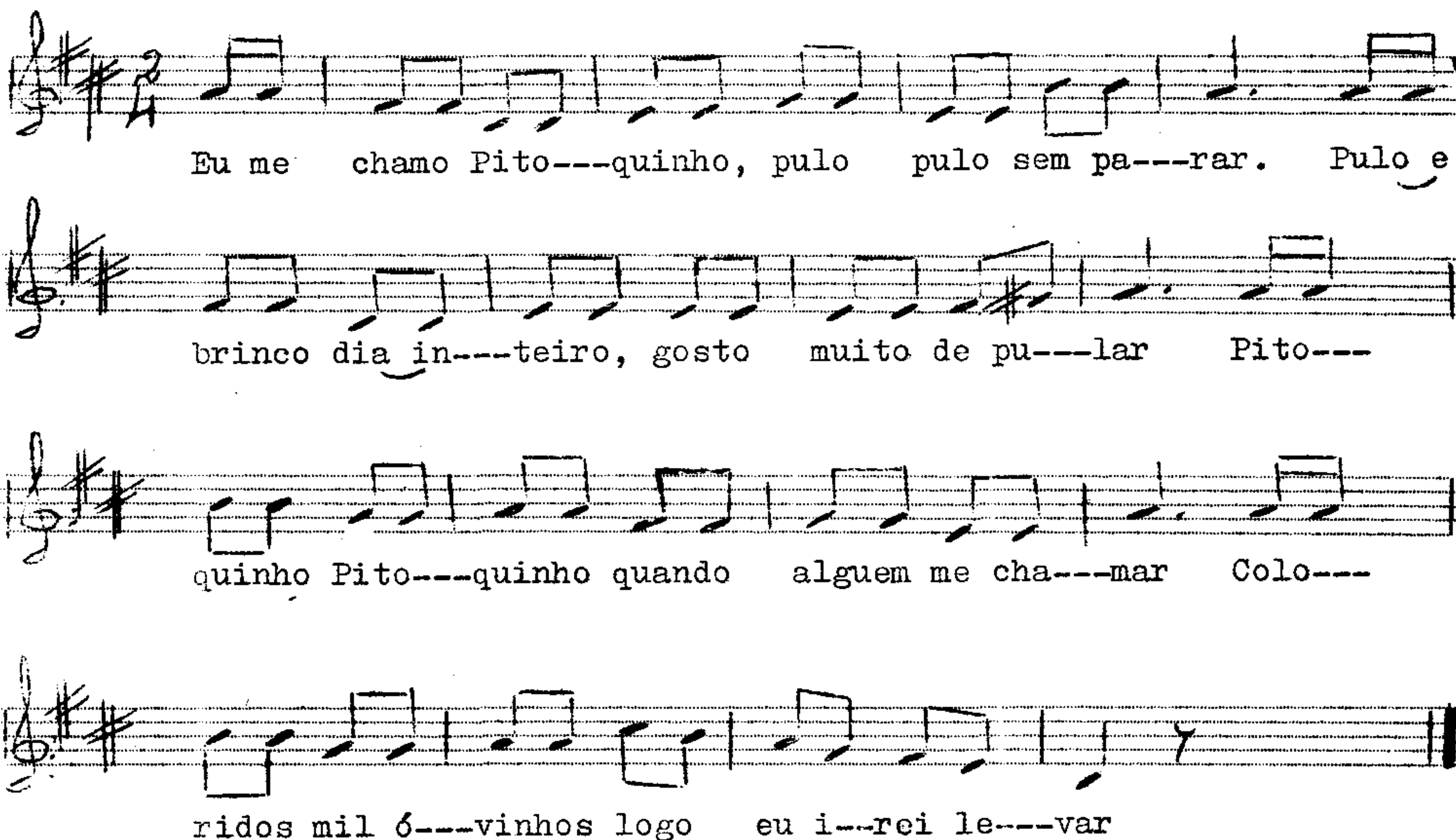
Formação em círculo.

Gestos acompanhando a letra da melodia.

+++++

COELHINHO PITOQUINHO

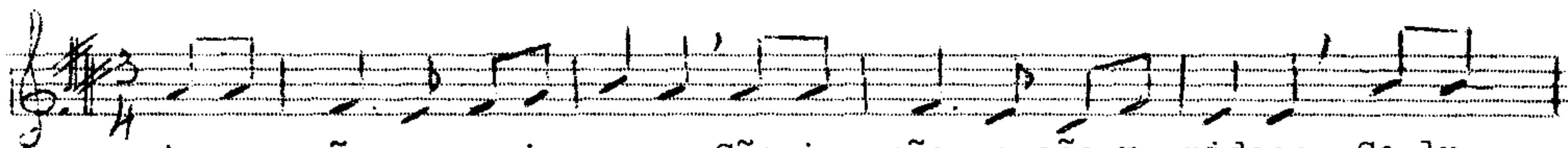
N. Lorenzon



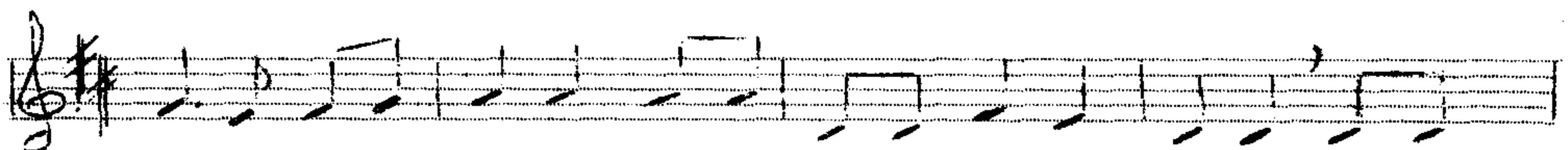
VIVA A AMÉRICA !

Aricó Jr.

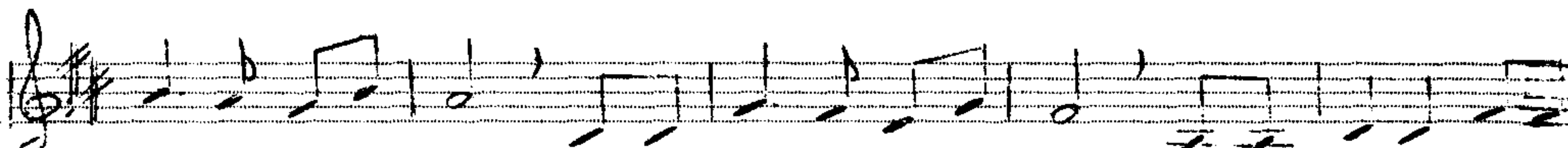
J. Nelo Lorenzon



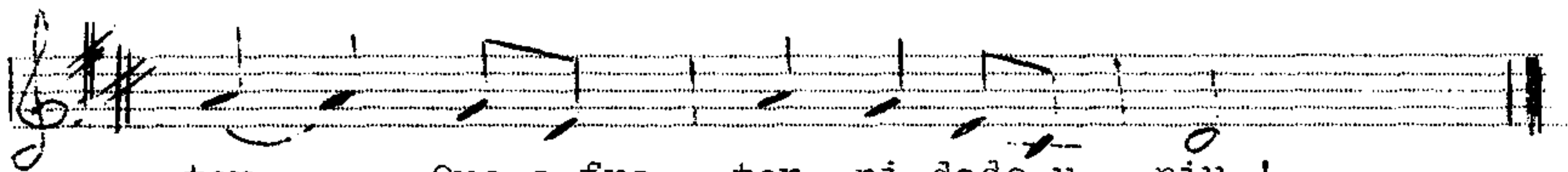
As na--ções a-meri--canas São ir--mãs e são u--nidas; Se lu--



ta-rem sempre juntas, Não re--rão ja-mais ven--cidas! Viva a A--



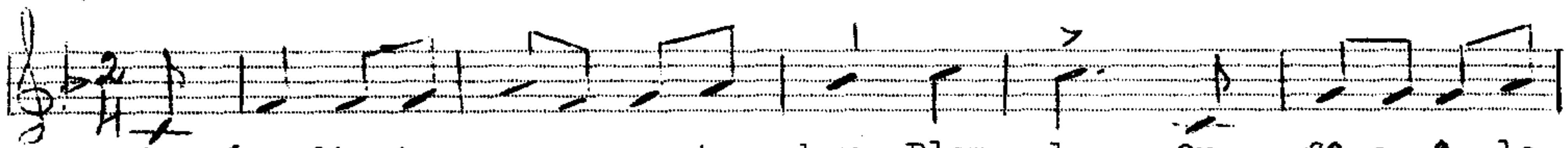
mé-rica imor--tal, Que Co--lom-bo desco--briu, Que Bo--lívar liber-



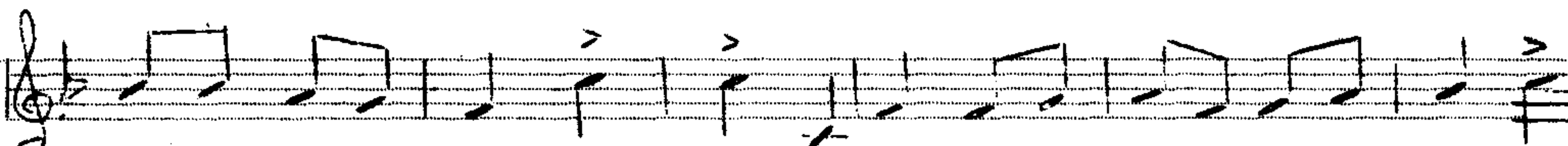
tou, — Que a fra---ter---ni-dade u---niu !

O INDIO

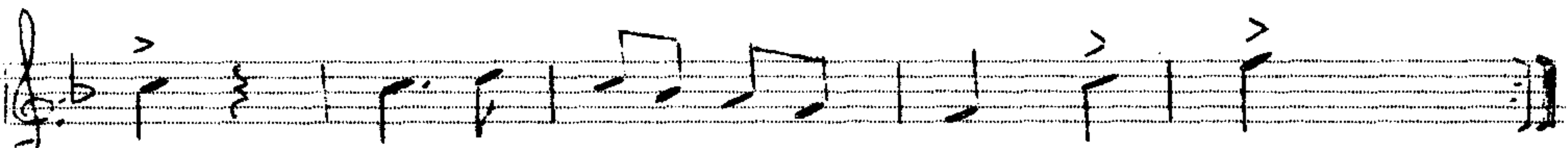
(Recolhido no Jardim do Col. Izabela Hendrix).



O ín--dio to--cou o meu tam--bor Plam plam Que fôrça ê--le



fêz pa--ra to---car plam plam O ín--dio to--cou o seu tam--bor pla



plam Mui--ta gente se assus--tou plam plam

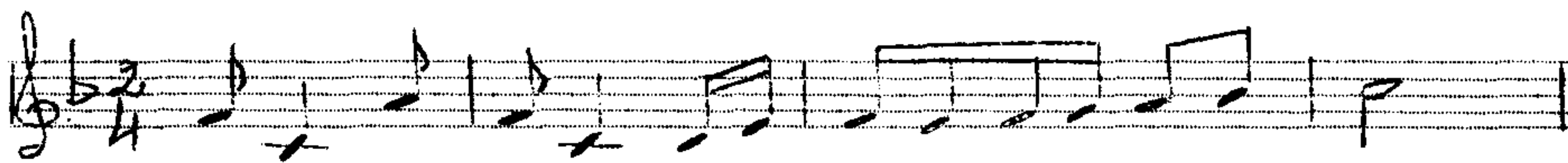
Nota: Cantar dizendo a palavra "tambor" no aumentativo e diminutivo.



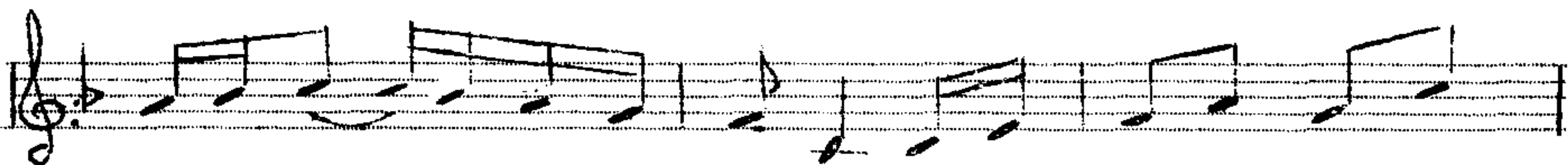
LUTA PELO TEU BRASIL !

7

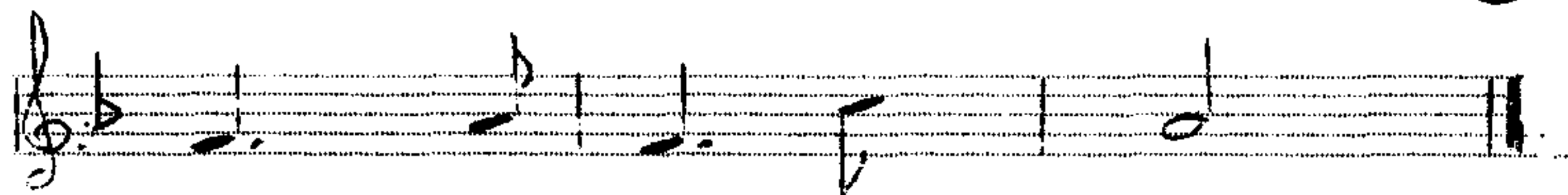
Letra de C. S. V. V.



Can-ta, tra--ba-lha, luta sempre pelo teu Bra---sil



Nossa ter---ra tão que--ri--da tem por manto o céu de a---



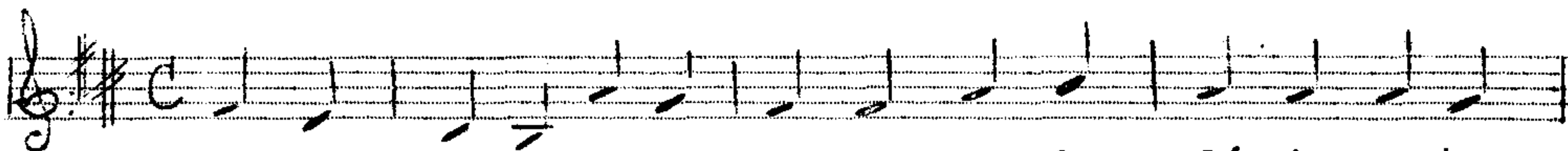
nil ! Bra---sil! Bra----- sil!

2. Bom brasileiro
tua Pátria debes defender
O Brasil, sempre altaneiro,
caminhando, há de vencer!
Brasil! Brasil!

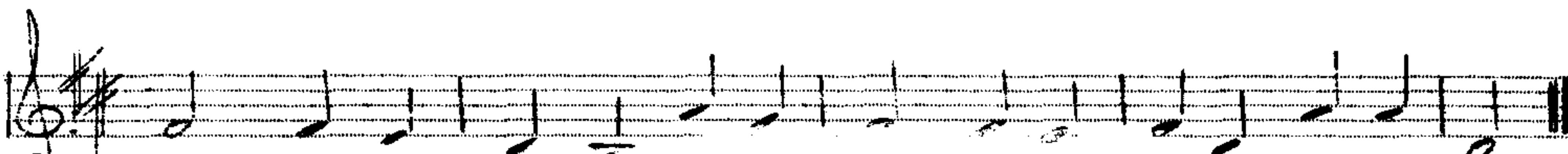
++++++

SAUDAÇÃO A TIRADENTES

Anônimo



Sal-ve, sal-ve Ti-ra---den-tes, Gran-de gló-ria na-cio---



nal Com seu san-gue ba-ti---zou de um po-vo o i-de---al.

Salve, salve Tiradentes
Grande glória nacional
Com seu sangue batizou
De um povo o ideal

++++++



NEUROSE EM CRIANÇAS

Luisa Prates Lupi Pachêco

Os psicanalistas têm concluído que na neurose do adulto existe sempre uma neurose infantil que não foi convenientemente tratada na fase em que se apresentou.

O maior traumatismo que a criança sente é no ato do nascimento. Daí em diante encontra o nascituro uma série de situações a que deverá se adaptar, não sem grande dificuldade, em face de sua condição de imaturidade. É impossível imaginar o que se passa no plano psicológico nos primeiros tempos de vida do indivíduo. Supõe-se que a situação privilegiada que gozava a criança no útero materno, acrescida dos cuidados constantes dados ao nascituro, na maioria dos casos, leva-o a uma situação de se sentir onipotente. Em tal situação ampliada que foi a idéia da onipotência infantil, quando a criança tomar conhecimento da relatividade de seu valor, fatalmente terá problemas de ajustamento à realidade apresentada. É comum surgir como reflexo nervoso nos primeiros anos de vida, a enurése, a encoprésis, a inapetência, as fobias, a ocicofagia, a ansiedade que também se apresenta em muitos casos no "terror noturno", a insatisfação pelos presentes recebidos, o isolamento do grupo infantil, o uso da chupeta ou sucção do dedo polegar, etc.

A neurose ou psicose da criança difere muito em suas manifestações da do adulto. A criança demonstra uma boa adaptação interna à realidade se tem prazer nos jogos, nos brinquedos e atividades livres, se dá plena expansão às suas fantasias, se não demonstra demasiada afetividade aos objetos, se apresenta manifestações de segurança em seu comportamento geral. Sintomas iversos aos acima enumerados nos levam a sérias dúvidas com referência a neurose em crianças. Admitem os psicólogos que, mesmo aquela criança orientada convenientemente, poderá possuir desajustamento ou alguma neurose em face da situação verdadeiramente contrastante que ela viveu da vida intra-uterina à realidade que teve início no ato do nascimento.



É de se suspeitar daquela criança que apresente um comportamento muito semelhante ao do adulto em seu manejamento e atividade. A neurose que esta criança sofre não é menor do que aquela da criança comum, apenas não apresenta sintomas. Como sabemos pela análise de adulto, esta neurose é via de regra, mais grave. O que realmente diferencia a criança menos neurótica da mais neurótica é a maneira como se comporta ante as dificuldades que encontra na vida, assim sendo, existe apenas um aspecto quantitativo no plano neurótico das crianças.

A seguir, queremos destacar as possibilidades nas relações mãe e filho:

- 1) Mãe solícita e carinhosa — filho dependente e receptivo.
- 2) Mãe solícita e carinhosa — filho indiferente e inibido.
- 3) Mãe instável — filho desorientado pela inconstância das atitudes maternas.
- 4) Mãe fria — filho desnaturado.
- 5) Mãe sádica — filho irritável, combativo oposicionista.
- 6) Mãe sádica — filho obediente, masoquista ou deprimido.
- 7) Mãe super-protetora — filho super-excitado e insatisfeito.

A primeira relação é a ideal, é aquela que possibilita à criança um desenvolvimento psíquico normal e uma boa aquisição de atitudes sociais.

As situações apresentadas fazem que sintamos o sério problema a resolver sobre a dosificação do afeto materno em quantidade, qualidade e oportunidade.

As modernas investigações convenceram-nos da delicadeza do sistema nervoso infantil. A voz, o ritmo dos movimentos e a pressão exercem uma função centuplicada sobre a criança.

Desde os primeiros dias de vida da criança já se estabelece condicionamento. Parece ser a boca o centro desses reflexos, daí surgem uma série de reflexos condicionados negativos que vão prejudicar muito o indivíduo.



Queremos ainda salientar os pontos de vista de psicólogos sobre o comportamento da criança, dentre eles destacamos:

Melanie Klein — No primeiro mês de vida se estabelece uma complicada reação de amor e ódio entre a mãe e a criança, através da mão ou de mordidas no seio.

Gesell — Fez observações na fase fetal e constatou a existência de reflexos absolutos, inatos, defensivos no feto.

Otto Rank — Quanto maior o traumatismo do nascimento, maior é o medo da morte.

Watson — Considera a existência de três formas primárias de reações emocionais: a) reação de choque ou inibição, também chamada de reação catastrófica, de Goldscheider; b) forma agressiva ou colérica; c) forma afetuosa de amor ou ódio (esta é a mais evoluída das três reações).

Esta sistematização das formas primárias de reações emocionais foi o trabalho mais importante de Watson.

Considerando que a neurose infantil é típica na criança rejeitada, queremos destacar o estudo de Hilda Lewie em sua obra "Deprived children" sobre o aspecto acima focalizado:

Há inúmeras situações que concorrem para tornar a criança rejeitada, dentre elas destacamos as seguintes:

- 1) Mãe sem afeto para a criança ou magoada com ela.
- 2) Pai sem afeto para a criança ou magoado com ela.
- 3) Nascimento indesejável ou deplorado.

Êstes três aspectos se condicionam às seguintes situações:

a) - Separação de um ou dos dois genitores por um período longo antes dos 5 anos de idade da criança, por motivo de viagem, doença, morte ou divórcio

b) - Ausência de contacto com os pais por ter sido a criança internada em alguma instituição.

c) - Criação da criança por pessoas substitutas dos pais - (madrasta, padrasto, avós, tios, etc.).



A psicologia da criança rejeitada varia de acordo com o seu tipo de personalidade. Os traços de diferenciação da criança normal são inconfundíveis, tais como:

- 1) Não apresenta alegria nem espontaneidade.
- 2) Seus olhos não têm a candura, nem o brilho próprio da infância sã.
- 3) Mostra-se frequentemente distante do ambiente, isto é, receiosa.
- 4) Apresenta sinais de ansiedade, insegurança e angústia.

A criança rejeitada está mais exposta a neurose do que aquela criança que foi conduzida normalmente. Em consequência dos mecanismos que deixamos enumerados, as crianças rejeitadas exigem constante atenção. Adotam uma conduta de afastamento. Constróem um mundo à parte. Elaboram suas próprias fantasias, dialogando-as, sendo que esta fase é de grande autismo.

Em geral crianças e adolescentes desajustados são fatalmente crianças rejeitadas. Karman comprovou num grupo de 114 mães delinquentes que 55 delas tinham evidência de rejeição.

O diagnóstico infantil poderá ser efetuado através de atividades informais por parte da criança que será assistida convenientemente e sempre pelo observador, bem como por técnicas específicas de uma clínica infantil onde devem atuar o psicólogo clínico, o psiquiatra, o assistente social, o orientador educacional, o médico clínico, o psicanalista, e outros elementos especializados em psicologia infantil.

Para diagnóstico e terapêutica de um estudo do caso apresentamos o seguinte esquema do processo de recuperação:

- a) Obtenção dos antecedentes (feito simultaneamente com a observação do comportamento).
- b) Exame somático e psíquico.
- c) Compreensão da dinâmica do caso e hierarquização dos fatores.

- d) Formulação do plano de reajustamento. Discussão do mesmo, em mesa redonda.
- e) Designação do coordenador, supervisor ou responsável ("case worker").
- f) Aplicação seriada e progressiva dos recursos técnicos específicos para o caso apresentado.
- g) Contrôlo dos resultados obtidos.
- h) Determinação do plano para o seguimento e vigilância do caso fora da clínica ou centro.
- i) Educação das pessoas que receberão o propósito.
- j) Segmento do caso ("follow-up").

O ítem c é a fase decisiva de recuperação. Nêle se classificará o caso de acôrdo com seu fato dinâmico. Assim será possível formular um plano racional, científico e eficiente para devolver às pessoas tratadas uma normalidade no ambiente social.

Os esquemas de tratamento variam de acôrdo com os desajustamentos por efeito do ambiente. Trata-se de criar novos hábitos de reações ao ambiente.

-X-X-X-X--X-
X-X-X

T E O R I A S D E A P R E N D I Z A G E M

E.R. Hilgard

SISTEMAS DE TENSÃO PSICOLÓGICA

Lewin se põe francamente a favor da análise psicológica da situação real e contra o que êle chamou de conceitos de execução. Uma análise psicológica mostra, por exemplo, que o que um datilógrafo principiante e o que um datilógrafo treinado fazem são coisas completamente diferentes: o processo do principiante é a busca, que cai à medida que se desenvolve a habilidade -- e isto uma curva de aprendizagem não mostra.

A percepção do mundo das coisas e dos acontecimentos significativos não fornece energia para a atividade (Skinner: o estímulo discriminativo não elicia o comportamento mas estabelece ocasião para êle). A percepção de um objeto ou evento pode provocar uma tensão psicológica (p. ex.: um desejo) ou pode se comunicar com um estado de tensão já existente, de tal forma que êste sistema de tensão passa a assumir o controle sobre o comportamento motor. As valências despertadas (atrações e repulsões de objetivos percebidos) agem como forças do meio, provocando o comportamento subsequente - êste comportamento leva então à saciedade ou à descarga de tensão, e um novo estado de equilíbrio é alcançado.

O CAMPO PSICOLÓGICO: ESPAÇO VITAL

Meu espaço vital é o espaço no qual vivo psicologicamente; é visto do meu ponto de vista. Corresponde, de certo modo, ao mundo que me rodeia, ao mundo das coisas, pessoas e idéias das quais eu faça minha seleção. O espaço vital é condicionado e influenciado pelo ambiente físico, social e conceitual, mas não pode ser identificado com êsse ambiente.

A locomoção no espaço vital é delineada por uma representação geométrica da seleção de alternativas, de exame de possibilidades, do encaminhamento em direção aos objetivos, de experiência de frustração, etc. Pode envolver ou não locomoção no mundo real.

Ocasionalmente o espaço vital corresponde muito estreitamente ao mundo real com o qual a pessoa está em transação — nesse caso diz-se que ela está em contato com a realidade.

A PESSOA NO ESPAÇO VITAL

A pessoa pode ser representada como um ponto se movendo no seu espaço vital, ou como uma região diferenciada no espaço vital.

espaço vital = M + P
M = meio psicológico
P = pessoa

P = percepto-
motora
I = intra-pessoal.



O MEIO DIFERENCIADO

Meio homogêneo e não diferenciado é aquele em que todos os fatos são igualmente influentes sobre a pessoa; isto é, numa pessoa amadurecida, é impossível existir.

VALÊNCIA

Quando uma pessoa é atraída por um objeto diz-se que este objeto possui valência positiva. A pessoa tende a se mover em direção a uma região de espaço vital que tem valência positiva.

Possibilidades de conflito: duas valências positivas : uma valência simultaneamente positiva e negativa; duas valências negativas.

A atribuição de valência ao objeto representado no espaço de vida não significa, evidentemente, que a valência é inerente ao objeto. A força de atração de uma valência é influenciada pela distância (distância psicológica). O mesmo objeto pode ter valências diferentes para pessoas diferentes (porque cada uma o percebe diferentemente) e até para a mesma pessoa em situações diferentes.

COMPORTAMENTO COMO UMA FUNÇÃO DO ESPAÇO VITAL PRESENTE

Lewin insistiu, com maior veemência do que seus colegas da Gestalt, em que o comportamento depende do presente, e não do passado ou do futuro. Embora os campos psicológicos passados sejam parte da origem do campo presente, sua relação com o presente é tão indireta que seu valor explicativo fica pequeno.

A DIMENSÃO DE TEMPO

A despeito da preferência por tratar de causas presentes, Lewin não negligenciou a dimensão de tempo. Aceitou, de L.K. Frank, a dimensão do espaço vital chamada "perspectiva de tempo" que inclui o

passado e o futuro psicológicos, conforme são percebidos agora. O futuro e o passado aparecem no espaço de vida presente, mas o próprio espaço de vida pode mudar à medida que o tempo passa.

A APRENDIZAGEM COMO UMA MUDANÇA NA ESTRUTURA COGNITIVA

O que significa saber mais? Significa ter um espaço de vida altamente diferenciado, no qual há sub-regiões ligadas por caminhos definidos. Uma situação problemática representa uma região de espaço vital não estruturada — não sabemos como nos conduzir dos dados até os objetivos — sentimo-nos inseguros até a região se tornar estruturada; quando ela fica estruturada de modo a permitir a solução do problema, — nós aprendemos.

RECOMPENSA E PUNIÇÃO

A ameaça de punição é empregada para manter aquele que aprende uma tarefa que intrinsecamente não gosta. Nestas circunstâncias a tendência é "deixar o campo" e, para manter aquele que aprende no campo de conflito é necessário erigir barreiras.

Numa situação de recompensa não é necessário que aquele que aprende seja "cercado", pois a atração da recompensa o mantém no campo ("atalhos, cela, por exemplo). Uma consequência da quantidade diferente de restrições nas duas situações é o fato de que as atividades recompensadas se tornam frequentemente interessantes e apreciadas, de modo que a motivação deixa de ser extrínseca, enquanto que as atividades controladas pela ameaça de punição tendem a se tornar cada vez mais detestadas.

SUCESSO E INSUCESSO

A análise psicológica do sucesso, do ponto de vista de quem aprende, mostra pelo menos as seguintes possibilidades: 1) alcançar o objetivo constitui sucesso; 2) chegar dentro da região do objetivo pode ser uma experiência de sucesso; 3) fazer um progresso perceptível em relação ao objetivo pode constituir uma experiência de su-



sucesso; 4) selecionar um objetivo socialmente aprovado pode ser em si mesmo uma experiência de sucesso.

O sucesso e o insucesso psicológicos dependem do desenvolvimento do ego na tarefa em curso. Isto é, os objetivos precisam ser reais para quem aprende, de modo que, se conquistados, haja a elação, se não, haja tristeza e humilhação. Algumas tarefas são excessivamente fáceis e ter sucesso nelas não significa experimentar sucesso.

Os indivíduos tendem a estabelecer objetivos momentâneos dentro do âmbito em que há envolvimento do ego. O objetivo momentâneo é conhecido como nível de aspiração.

APRENDIZAGEM COMO UMA MUDANÇA NA MOTIVAÇÃO

A repetição de uma atividade acarreta mudanças tanto na estrutura cognitiva como nos sistemas de tensão da necessidade. Devem ser distinguidos três casos de mudança de valência como resultado de repetição: 1) os objetivos atraentes podem perder sua atração se a atividade relacionada a eles fôr repetida até a saciação; 2) objetivos originalmente sem atrativos podem tornar-se aceitáveis com a mudança no significado da atitude relacionada ao objetivo; 3) a escolha dos objetivos é influenciada por experiências prévias de sucesso e insucesso.

TAREFAS ACABADAS E INACABADAS

A hipótese aceita é a de que uma tarefa não completa, deixa um estado de tensão, uma quase necessidade. Completar a tarefa significa resolver a tensão ou descarregar a quase necessidade. A maior memorização da tarefa inacabada é devida à continuação da tensão. Vantagem das tarefas inacabadas não deve ser universalmente esperada: 1) se uma tarefa, considerada acabada pelo experimentador, é considerada inadequadamente completa pelo sujeito, ela pode ser evocada tão bem quanto uma tarefa interrompida; 2) as tarefas que não têm um término bem definido não apresentam vantagem na memorização quando são interrompidas; 3) os que não se envolvem efetivamente nas tarefas lembram-se tão bem das acabadas



como das inacabadas; 4) se as tarefas são vistas como levando à satisfação de uma necessidade, de modo que os limites entre elas enfraqueçam os efeitos individuais de interrupção se perdem; 5) se os S estiverem muito cansados ao executar o experimento perde-se a vantagem de memorização das tarefas inacabadas? 6) depois de um espaço de 24 horas não há mais vantagem para a tarefa interrompida; 7) se fôr introduzido um episódio altamente emocional após as tarefas, também não há vantagem esperada; 8) quando o S achava uma tarefa demasiadamente difícil, esta era frequentemente esquecida, mesmo que estivesse sido interrompida.

-O-O- -O-O-
-O-O-

L I T E R A T U R A I N F A N T I L

Adaptação da Prof. Corina M. P. Ruiz

I - SABER A HISTÓRIA:

É preciso saber escolher, em primeiro lugar, a história e depois adaptá-la ao seu modo pessoal de dizer.

O contador deve assimilar a história para poder contá-la.

Deve saber transmitir o sabor característico, o ponto de vista particular da narrativa, quer seja instrutivo ou humorístico. É por isso que não devemos jamais contar uma história que não penetre em nosso coração e faça vibrar a nossa sensibilidade.

Todo contador tem a sua própria apreciação: certas histórias parecem-lhe melhores que outras. Não há razão para dizer mal um conto quando, com exercício, o número dos que se pode dizer bom, aumenta com a capacidade de apreciação.

Então, como ponto essencial devemos saber escolher a história que tem significado para nós, aquela que nos parece encantadora.

A seguir devemos contá-la de tal maneira que o nosso auditério sinta aquilo que nós sentimos.

O segredo d'êste successo depende do desejo que o contador tem de fazer passar para os ouvintes a sua impressão. Quando o contador apodera-se do auditório produz-se qualquer coisa como uma sugestão hipnótica.

É difícil talvez sentir o "pulso" do auditório mas é um sentimento que pode desenvolver-se pela prática, pelo trabalho pessoal.

Tôda arte tem sua técnica. A arte de contar histórias, apesar do pessoal, não faz excessão: submete-se a leis bastante importantes e a sugestões que caracterizam sempre a maneira dos mais apreciados contadores de história.

A primeira destas regras é saber a história.

A palavra hesitante, o esquecimento de um nome ou de um incidente, a volta atrás para estabelecer a cadeia dos acontecimentos, as repetições desnecessárias, a fraqueza geral do exposto, provém de um domínio incompleto dos fatos e são os defeitos que estragam a mais linda narrativa.

É preciso conhecer a história nos mínimos detalhes, assimilá-la completamente para que pareça uma experiência pessoal. Deve apresentar-se ao espírito tão claramente que o contador não precise fazer esforço para lembrar-se de nenhum incidente.

Uma tal assimilação não quer dizer memorização. A memorização destrói a espontaneidade.

Para uma perfeita assimilação, reduz-se a narração aos principais elementos, retirando-se as descrições, as interpelações, vendo-se simplesmente o que se segue. Há portanto necessidade da gradação sucessiva dos incidentes que conduzem ao final.

A melhor maneira para isso é "falar" a história em voz baixa, depois em voz alta e penetrante e contá-la várias vözes a um auditório imaginário. Quando se fala alto, aparece imediatamente, à luz, tôdas as deficiências da memória. A mais leve incerteza torna-se visível num instante. Tornam-se visíveis, também, a pobreza de expressão, a fraqueza da imagem e a imperfeição da assimilação da história.



Quando as faltas são corrigidas, adquire-se a confiança e a segurança que dão ao contador uma espontaneidade mesmo quando se encontra em face de um auditório real.

Este método conduz à liberdade e não à escravatura.

Há uma exceção à regra que interdita a memorização: as passagens características devem ser reproduzidas tais quais: "Quem bebeu a minha sopa?" "Quem sentou na minha cadeira?" "Quem deitou na minha cama?"

II - MANEIRA DE DIZER A HISTÓRIA

Devenos contá-la com simplicidade, com lógica, dramaticamente e com vivacidade.

a) - Simplicidade. A simplicidade diz respeito à maneira e à expressão. A simplicidade na maneira, é falar sem afetação, sem pretensão ou posse.

É realmente mais fácil dizer-lhe "seja natural" do que o "ser". O melhor recurso é absorver-se na história sem pensar no auditório ou em si mesma. A escolha das palavras e das imagens será encaaminhada, assim, à forma mais simples.

Certos educadores pensam que não se deveria dar às crianças uma literatura muito simplificada, pois os jovens preferem as coisas acima de seu pensamento. Esta idéia pode ser verdadeira em relação às histórias lidas pelas crianças. Na história contada, o movimento é muito rápido e assim uma idéia, que não seja bem compreendida, perde-se irrevogavelmente; não há possibilidade de voltar-se atrás na página.

Além disso, a arte de contar é uma arte de recreação e sua finalidade é sacrificada se as idéias e as imagens não se deslizam bem facilmente no consciente da criança, causando-lhe a sensação de esforço. É por essa razão que as frases devem ser curtas.

A importância da simplicidade e clareza de linguagem é evidente, porque nenhum auditor pode recrear-se ou reter uma história

cujas palavras estão fora do seu alcance.

A simplicidade de maneiras e de expressão é indispensável ao que deseja interessar às crianças.

Simplicidade porém não é trivialidade.

b) - Movimento lógico. A ação deve desenvolver-se com lógica. A história que se conta deve ser examinada. A ação deve ser ininterrupta e com uma velocidade crescente, desenrolando-se com rapidez para terminar num renate inesperado. Os comentários destroem o movimento. Os incidentes devem ser levados um após outro, cada um a seu verdadeiro lugar, sem explicação, nem descrição, porque o que é absolutamente necessário à clareza da narrativa, deve desenrolar-se logicamente. Nada é mais desesperante que o sistema da "carruagem adiante dos bois" que anula todo o interesse. Às vezes, é verdade, uma nota ocasional dá um sabor especial. Mas, regra geral é preciso usar discrição.

Um pequeno número de narrativas pode necessitar uma prévia explicação e certas fábulas podem terminar por uma frase característica, mas há sempre necessidade de discrição.

O contador deve apresentar as imagens claras; pode-se dizer que é um bom artifício repetir uma frase já empregada quando acontece a mesma coisa. Este artifício é intuitivo entre as pessoas que têm o dom de contar, mas é necessário bom senso no seu emprego que, bem moderado, é capaz de assegurar sucesso. Excluir elementos estrangeiros e usar-se brevidade, sequência natural das idéias, nitidez na elocução, isto é, movimento lógico da história.

c) - Expressão dramática. Depois da simplicidade e da lógica segue-se outra qualidade que é: dizer a história com dramaticidade. Esta palavra não significa "à maneira do teatro", nem com excitação, ou excesso de gestos e palavras, mas tirar-se as palavras do fundo do coração, identificar-se com a situação do momento, vestir-se com a pele de todos os personagens. Nesse ponto, algumas pessoas encontram dificuldades. As leves, mas sugestivas, modulações da voz, a mobilidade do

olhar, os gestos das mãos, que são imediatos e espontâneos entre certas pessoas, são para outras, um motivo de desencorajamento e de dificuldade. Aos que não tem o dom da expressão e do gesto, podemos aconselhar que não se deve forçar a natureza; não fazer nada a não ser espontaneamente e com prazer. Concentrem todos os esforços na disposição interior e espiritual, alarguem a capacidade de apreciação e de sentimento, de imaginação. A facilidade de expressão aumentará gradualmente: o corpo torna-se mais móvel quando a emoção o agita internamente. O contador não deve "jogar" os personagens de sua narrativa, êle ensaiará simplesmente despertar a imaginação dos ouvintes para que êles possam prender-se às cenas.

É preciso "ver" a narrativa. O valor dramático de um interprete depende sobretudo da clareza e do poder com o qual êle representa, para si mesmo, os acontecimentos e os tipos. É preciso ter-se a imagem, do que se fala, diante do espírito e servir-se da imaginação para assimilar-se cada ação, cada incidente, cada aparição. "É na verdade, ficar à janela de seu próprio consciente e ver passar o mundo. "É um ponto tão vital que se deve repetir: é necessário "ver" o que se conta ou melhor, "é preciso ver mais do que se conta". "As crianças não vêem nenhuma imagem que o contador não veja. O poder dramático, tranquilo e sugestivo / suficiente para ilustrar uma história, virá seguramente pela continuidade do esforço dirigido depois destas indicações.

d) - Prazer. Devemos contar uma história com calor, com vivacidade, com prazer pessoal. O calor é necessário para que o próprio contador possa interessar-se por sua narrativa, para divertir-se à medida que a diz. Se o contador está aborrecido ou cansado, as crianças, sentir-se-ão também aborrecidas e cansadas.

Nada é mais contrário ao prazer de um ouvinte do que o esforço da parte daquele que o pretende divertir. O verdadeiro prazer é calmo e tem um sabor que não pode ser substituído.

e) - "Fazer de conta" que está interessado. É preciso saber escolher

a história que nos interesse ao primeiro contato e ter uma coleção bastante completa para poder variar. Às vezes, o contador está fatigado fisicamente mas sabe que deve contar uma certa história que já repetiu vinte vezes, que é ela mesma que deve ser repetida. Que deve fazer? Fazer de conta que está interessado em contá-la. Esta afirmativa pode parecer ir de encontro aos conselhos iniciais contra a simulação. É porém útil e sábia. Fingir entusiasmo inicialmente, o mais que se puder, pela história fará com que fiquemos interessados pelo esforço e pelo interesse / que começa a aparecer entre as crianças, visto em seus rostinhos expressivos. Não saberíamos em qual momento o interesse simulado seria substituído pelo verdadeiro. Felizmente as crianças não sentem a diferença e por isso podemos dizer em resumo: escolha a narrativa, tenha prazer em contá-la e se não o tiver, finja interesse para que o esforço honesto amenize a sua disposição.

III - E L O C U Ç ã O:

A maneira de modular a voz, a pronúncia correta das palavras só podem ser estudadas pelos técnicos no assunto. Entretanto, algumas sugestões gerais podem ser úteis, admitindo-se que possua qualidades fundamentais de uma boa educação.

a) - Afetação — É preciso ser simples; a afetação destrói o valor de uma elocução que se torna desagradável.

b) - Inutilidade da elevação da voz — Falar em voz alta cansa as cordas vocais e aperta a garganta dando resultam sons de uma desagradável sonoridade metálica. E é, além do mais, absolutamente inútil. Não há necessidade de gritar. Uma sala contendo trezentas ou quatrocentas pessoas não exigirá senão um pouco de clareza na pronúncia. Um salão contendo oitocentos auditores obrigaria a maior destreza no manejo da voz, mas será ainda inútil gritar.

c) - Articulação — Depende da articulação a compreensão daquilo que

se diz. A voz tranquila, repousante, persuasiva de um orador que conhece o seu poder vai direito ao fim, mas falar aos gritos produz confusão. Jamais fale forte. Numa sala exígua, fale em tom de conversa; numa grande peça vise o fim da sala e fale pausadamente, com boa articulação com uma leve pausa entre as palavras, fraseando bem, dirigindo o seu pensamento para os auditores mais distantes. Se a voz fôr nasal ou de son gutural, é preciso, certamente, fazer estudos de dicção com um bom professor.

Um órgão comum, satisfaz no entanto, a tôdas as exigências oratórias, sen outros cuidados que os que decorrem indiretamente de um estudo sumário dos princípios da palavra em público.

Para resumir diremos do método próprio para assegurar o sucesso na arte de contar que compreende:

simpatia

compreensão

espontaneidade

É preciso:

apreciar a história

adaptá-la de acôrdo com a capacidade criadora de cada um.

Finalmente, deve-se dizê-la:

com todo o coração

com simplicidade

com vivacidade

com alegria.

-o-o-o- -o-o-o-

- -o-o-o-

Exmo. Sr. Prefeito do Município de São Paulo - Dr. Paulo Salim Maluf

DD. Sr. Secretário de Educação e Cultura - Dr. Paulo Zingg

Minha querida Hortencia, Diretora do Departamento de Educação e Recreio

Exmo. Sr. Diretor do Grupo Escolar Mário de Andrade.

Cara Dra. Gila, nossa companheira do Posto de Puericultura.

Colegas de Parque Infantil.

Presados pais de nossos parqueanos.

Minhas crianças.

O Parque Infantil Brooklin cresceu e já não cabia naquele velho e estreito galpão.

Hoje ganha casa nova, maior, feita sob medida para ele.

Pudemos planejá-lo como convinha as nossas crianças, e assistir sua construção que agora pode abrigar ensino mais ameno e racional.

A conciliação de boa educação e assistência, com instalações precárias, foi uma dura prova, um desafio profissional que poderá até nos ter desenvolvido maior amor ao trabalho.

Roubava-nos, porém, a eficiência desejável, e, a esse reclamo, não poderia ficar surdo o nosso Prefeito. E não ficou.

Que este novo Parque, como traço da cidade que o seu governo tanto modificou, possa engrandecê-la.

Que o fim desta minha carreira de educadora, me encontre sempre fazendo juz à memória da Geloíra de Campos, como continuadora das suas idéias nos meus últimos dias de Parque Infantil, e como testemunha conhecida no batismo desta casa.

Palavras ditas por D^a. Silvia Cardoso da Silva, digna Dirigente do P.I. Geloíra de Campos quando a Unidade foi reaberta, após uma grande reforma.

-o-o-o-o-

-o-